

SURREALISMO — UM DILEMA IRREDUTÍVEL

ERNESTO SAMPAIO

“Já que não podemos mudar de país, mudemos de assunto”, sugeriu um dia Joyce a um jornalista que o interrogava sobre os tempos tumultuosos vividos na sua Irlanda natal. Convidados, nestas páginas, a opinar sobre as vicissitudes do surrealismo em Portugal, permita-se-nos glosar a resposta do autor do “Ulisses” e propor mudar de país, já que não podemos mudar de assunto.

Escrever poemas é um belo exercício (afinal, o que são poemas?) que se pode praticar sem riscos. O surrealismo lançou sobre essa actividade as maiores suspeitas, estabelecendo uma negra confusão entre aquilo a que se chama “poesia” e aquilo a que se chama “vida”.

Quem se aproximou da sua fonte de relâmpagos, viu-se confrontado com um dilema irredutível: aceitar uma ordem mental e social cujo sistema de valores conduz a uma implacável repressão das forças mais puras da imaginação e do desejo, ou rejeitar essas condições de existência e recuperar os movimentos mais espontâneos da vida, arrancando-a ao pesado mecanismo de preconceitos, proibições, terrores, ideias feitas, lugares comuns e convencionalismos de toda a espécie.

A realidade transforma-nos e nós transformamos a realidade. Esta interacção dialéctica constitui a essência de todo o conhecimento, tanto científico como poético. O surrealismo está com aqueles que defendem este princípio, mas que o defendem até às suas últimas consequências.

Entre nós, alguns houve (poucos) que foram até às últimas consequências, tanto e tão longe que saltaram pela janela, ou endoideceram, ou deixaram-se morrer — quando o facismo era a ordem, a canalhice a moral e a religião a droga — pura e simplesmente de aborrecimento. Outros (muitos) optaram pela ostentação pública de um tipo de desespero estilo cabeça de rata, pela cólera doméstica, pela amalucada negação sistemática ou por uma indignação de porteiro, no fundo dispostos a todas as cumplicidades e equívocos.

Abandonar celeremente o lugar selecto em que os “poetas” destas paragens transformaram o surrealismo deveu uma necessidade vital para todos os que, por um lado queriam transformar efectivamente a realidade e não limitar-se à proclamação retórica da sua vontade de a transformar, e por outro lado se recusavam a tornar-se artesãos de uma “poesia” de resíduos, que actua sobre espécies secas de recordações, emoções, etc., com vista à manutenção da atitude lírica tradicional que olha sempre para trás.

Todos, ao fim e ao cabo, foram levados pelo surrealismo a um confronto excessivo com a realidade, que a uns anulou, a outros recuperou, e a outros ainda não anulou nem recuperou, mas transformou em inimigos tão pertinazes e ronhosos como ela própria.

Assim seja, e ainda bem que muitos, hoje, só conheçam da sua vida a luta que a faz crepitar. Contudo, o surrealismo

DEPOIMENTO

VITOR SILVA TAVARES

Surrealismo em português? — Um desafio ao impossível (mudar a vida, transformar o homem), à sombra, ou luz, do qual se cumpriram alguns destinos individuais entre o sarcasmo e a abjecção, o silêncio e o suicídio, o humor e a magia poética.

Numa atmosfera (política, social, cultural) miasmática sorveram os iniciados até à exaustão o ar livre disponível. Depois do Orpheu não consta melhores pulmões em Portugal.

O resto é a trajectória que recupera — bom proveito! — a vivaz contradição entre uma filosofia da recusa e a inevitabilidade da afirmação poética “en artiste”. Também entre o propósito colectivo (a poesia deve ser feita por todos) e o direito, último, à solidão.

... Que é o que por cá se vai gastando.

“La vraie vie est ailleurs”. ●

foi, é e será uma via livre, longe e fora dos livros em que o condensaram aqui para figurar nas bibliotecas dos “homens honestos”.

Unicamente concebido como fusão ardente do sonho e da acção, o surrealismo é insubornável quanto à destruição das ideias que herdámos em completo estado de putrefacção e que hoje se erguem no horizonte unicamente para não deixar passar qualquer expansão verdadeiramente profunda da consciência. Neste sentido, as palhaçadas que aqui se produziram em seu nome, e em que estiveram envolvidos “dissidentes” e “ortodoxos”, não só constituíram obstáculos ao espírito de ruptura que faz avançar o conhecimento do homem, como ainda vieram a ser manifestações agudas de impotência crítica, de cobardia permanente a provocar o confusãoismo mais baixo e a exaltação de tudo quanto conduz, no plano da imaginação, à vassalagem mais absoluta.

Dirigida ao descrédito permanente de todos os mitos, sociais, éticos e religiosos, em cujo nome o homem contemporâneo se encontra dividido numa série de compartimentos estanques, de onde apenas alçada uma visão reduzida e fragmentária da realidade, também dividida em planos inconciliáveis, a acção surrealista, com esse, ou outro nome (ou sem nome nenhum), prossegue enquanto não renunciarmos ao direito de fazer convergir num só ponto resplandecente todos os elementos dissociados do nosso ser.

O surrealismo, pela sua íntima vinculação com o estritamente humano, encontra-se no extremo oposto daquilo que se convencionou chamar literatura, isto é, de todo o jogo verbal intranscendente e decorativo, de todo o acto de simulação de estados de espírito, de toda a intenção friamente descritiva. Seu objectivo e razão de ser consiste em remar contra as convenções correntes — que encontram sempre geral aceitação — e levar até ao obscuro rincão a que ficou limitado tudo quanto é realmente humano a esperança de integração final da humanidade na vida. ●